

O bem que cansa e o bem que permanece

Category: Bíblicos

08/04/2026



O bem que nasce de mim cansa.
O bem que nasce de Deus permanece.

**O bem que nasce de mim cansa.
O bem que nasce de Deus permanece.**

Existe algo que, por muito tempo, eu não percebia.

Eu achava que o problema da vida era não saber fazer o bem.

Então eu buscava aprender o que era certo, o que era errado, como agir melhor e como evitar falhas.

Mas, com o tempo, algo começou a ficar evidente.

Mesmo sabendo o que era certo, mesmo tentando fazer o certo, eu me cansava.

Uma constatação simples... mas desconfortável

Eu já conhecia o mal.

Não precisava aprender sobre ele.

Ele já estava nas minhas reações, nos meus pensamentos, nas minhas intenções e nas minhas contradições.

E, quanto mais eu tentava equilibrar o bem que eu queria fazer com o mal que eu via em mim, mais dividido eu ficava.

Talvez esse seja um dos pontos mais difíceis de admitir: o mal não está apenas fora de nós. Nós já o conhecemos por dentro.

O caminho que muitos seguem

Sem perceber, a gente entra num ciclo:

aprende o que é certo, tenta viver isso, se esforça, falha, se frustra e tenta de novo.

E isso vai gerando peso, cobrança interna e cansaço.

Porque, no fundo, estamos tentando sustentar algo que não nasce em nós.

Um detalhe que muda tudo

Jesus disse:

“Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.”

Por muito tempo, eu li isso como uma exigência.

Hoje, eu vejo como uma revelação.

Ele não está dizendo: *“esforce-se mais”*.

Ele está mostrando que a vida não começa em nós.

Sem a fonte, até podemos tentar. Mas não conseguimos produzir o fruto.

O erro que passa despercebido

A gente acha que o problema é fazer o mal.

Mas, muitas vezes, o problema é outro: tentar produzir o bem sem a fonte.

E isso gera uma vida inteira de esforço, sem descanso verdadeiro.

Eu já conheço o mal. O que eu preciso agora não é me aprofundar nele, mas conhecer o bem que vem de Deus.

Quando o bem vem de nós

Por fora, pode até parecer certo.

Mas por dentro há tensão, controle e desgaste.

Você tenta ter paciência, mas está se segurando.

Você tenta amar, mas está se forçando.

Você tenta fazer o certo, mas está pesado.

Isso cansa.

Porque o bem que parte apenas de nós carrega o limite da nossa própria natureza.

O que esse esforço gera dentro... e fora

Existe algo que começa a acontecer quando tentamos sustentar o bem por nós mesmos.

Quando falhamos — e, em algum momento, falhamos — duas coisas aparecem.

A primeira é interna: a vergonha.

A vergonha não vem do outro.

Ela nasce dentro.

É a sensação de inadequação.

De não conseguir.

De perceber algo em si que não gostaria de ver.

A segunda é externa: a ignomínia.

É quando isso se torna visível.
Quando há exposição.
Quando há julgamento.
Quando há desprezo.

A ignomínia vem de fora.
Mas, muitas vezes, ela encontra algo dentro... e se transforma em vergonha.

E aqui começa um ciclo pesado:

tentamos fazer o bem → falhamos → sentimos vergonha → nos expomos → enfrentamos ignomínia →
nos fechamos → tentamos de novo

E o coração vai se cansando.

Não apenas pelo erro.

Mas pela exposição.

O que ainda tentamos segurar

Existe algo mais profundo por trás do esforço.

Não é apenas tentar fazer o bem.

É tentar manter o controle.

Queremos acertar.
Queremos garantir.
Queremos evitar falhas.
Queremos saber onde estamos pisando.

Mas a fé nos conduz por outro caminho.

Um caminho onde nem sempre sabemos para onde estamos indo.

Porque o Espírito sopra onde quer.

E isso nos tira do controle.

Nos coloca em situações onde nos expomos.
Onde não temos garantias.
Onde não podemos sustentar nada por nós mesmos.

E, justamente ali, algo começa a nascer.

Não o esforço.

Mas a dependência.

Não o controle.

Mas a confiança.

Mas existe outro caminho

A fé nos chama para um lugar diferente.

Um lugar onde nem sempre sabemos para onde estamos indo.

Porque o Espírito sopra onde quer.

E, muitas vezes, isso nos leva a situações onde não temos controle, não temos segurança e nos expomos.

Mas há uma diferença profunda aqui.

Não é mais o esforço tentando sustentar algo.

É a vida conduzindo.

E, nesse caminho, algo começa a mudar.

A ignomínia pode até vir.

Mas ela já não encontra o mesmo eco dentro.

Ela não se transforma mais em vergonha da mesma forma.

Porque a identidade já não está sendo construída pelo acerto, mas pela fonte.

Quando o bem nasce do Espírito

A Bíblia chama isso de fruto.

Não é algo que você fabrica.

É algo que nasce.

A paciência aparece.

A bondade flui.

A benignidade se manifesta.

E o mais curioso é que você não está tentando.

Porque a benignidade e a bondade não são obras da carne ajustada. São fruto do Espírito.

A diferença não está no que fazemos

Está em de onde isso vem.

O mesmo gesto pode existir nos dois casos.

Mas um nasce do esforço.

O outro nasce da vida.

Um tenta parecer bom.

O outro manifesta um bem que não pode ser fabricado.

Então onde entra o arrependimento?

Por muito tempo, eu entendi arrependimento como: *“preciso melhorar”*.

Hoje, vejo de outra forma.

Arrependimento é perceber.

Perceber que eu já conheço o mal, que eu não consigo produzir o bem verdadeiro e que estou tentando sustentar algo que não vem de mim.

É constatar a minha condição.

É admitir que, sem Deus, eu continuo preso nessa estrutura.

E, a partir disso, parar.

Parar de quê?

Parar de tentar ser a fonte.

Parar de tentar conduzir, controlar e garantir por mim mesmo aquilo que só pode nascer de Deus.

Uma mudança de referência

Existe uma mudança profunda que muitas vezes passa despercebida.

Durante muito tempo, a referência estava em nós.

“Ame o próximo como a si mesmo.”

O padrão partia de dentro.

Eu me tornava a medida.

Eu observava.

Eu tentava reproduzir.

Mas isso tem um limite.

Se eu estou ferido, amo ferindo.

Se estou dividido, amo dividido.

Se estou cansado, amo com peso.

No Novo Testamento, algo muda.

“Amem-se uns aos outros como eu amei vocês.”

A referência já não está mais em nós.

Está nEle.

E isso muda tudo.

Porque o bem deixa de ser algo que eu tento alcançar...
e passa a ser algo que nasce de uma fonte que não sou eu.

O fundamento de tudo isso

Esse caminho não começa em nós.

Não é uma decisão humana.

Não é um esforço ajustado.

Não é um entendimento mais profundo.

Tudo isso só é possível por causa de uma obra.

A obra de Cristo, o Filho do Deus vivo.

É a partir dessa obra que algo novo se torna possível.

Não uma tentativa de melhorar o que já somos.

Mas o início de uma nova fonte.

E isso não se entende apenas com a mente.

É algo que se revela.

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.”

Porque é o Espírito que conduz, que mostra e que faz ver.

E então?

Então algo começa a mudar.

Não de fora para dentro, mas de dentro para fora.

Não como esforço, mas como fruto.

Não como desempenho, mas como vida.

Uma nova forma de viver

Você continua vendo o mundo como ele é.

Continua vendo o mal.

Continua vendo as contradições.

Mas algo muda dentro:

menos conflito, menos cobrança, mais simplicidade.

E, aos poucos, o bem começa a aparecer sem ser forçado.

Não porque você se tornou a fonte.

Mas porque deixou de resistir à fonte verdadeira.

E a paz?

Ela vem junto.

Não porque tudo está resolvido.

Mas porque a divisão começa a desaparecer.

Quando eu sou a referência, o amor se torna esforço.

Quando Ele é a referência, o amor se torna fruto.

Talvez tudo isso se resuma a isso

Eu não preciso aprender a fazer o bem.

Eu preciso aprender a permanecer na fonte.

Porque o mal eu já conheço.

Agora, preciso conhecer o bem que vem de Deus, pelo Espírito.

E, quando isso acontece, o bem deixa de ser um esforço e passa a ser fruto.

Não começa em mim.

Começa nEle.

E continua sendo revelado pelo Espírito.

Enquanto eu for a referência, o bem continuará pesado.

Quando Cristo se torna a referência, o bem deixa de ser uma tentativa... e passa a ser vida.